

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

ESCOLA

No. 8 - MAIO 2012 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

N.º1 • OUTUBRO 2011

Grupos interativos

N.º2 • NOVEMBRO 2011

Leitura dialógica

N.º3 • DEZEMBRO 2011

Participação e Formação de Familiares

N.º4 • JANEIRO 2012

Tertúlias dialógicas

N.º5 • FEVEREIRO 2012

Prevenção à violência de gênero

N.º6 • MARÇO 2012

Convivência

N.º7 • ABRIL 2012

Desenvolvimento emocional

N.º8 • MAIO 2012

Transformação do entorno

N.º9 • JUNHO 2012

Educação em valores

TRANSFORMAÇÃO DO ENTORNO



JUAN GARCÍA LÓPEZ/ PROFESSOR DA UCLM. INSPETOR DE EDUCAÇÃO

Todas as pessoas que participam de um processo educativo se veem envolvidas no compromisso de produzir aprendizagem, uma mudança nos alunos. Um dos aspectos mais debatidos da educação nos últimos anos é o sentido em que se deve produzir essa mudança: adaptando-se à realidade ou transformando-a.

O POTENCIAL TRANSFORMADOR DA SOCIEDADE

Considerando as esferas relacionadas com as teorias da reprodução, defendeu-se que a escola não é responsável pelas desigualdades sociais e que, além disso, não poderia transformá-las. Na primeira fase da sociedade da informação, afirmou-se que não era possível superar as desigualdades através da educação e, inclusive, que os objetivos igualitários não eram desejáveis; o sonho da transforma-

ção para conseguir uma sociedade e uma educação igualitária foi desvalorizado a partir destas posições (Baudelot, Bourdieu, Passeron, entre outros).

Mas são muitas as contribuições científicas que atribuem às pessoas, tanto individual quanto coletivamente, a capacidade de transformar a sociedade. Cientistas do mundo da educação, da psicologia ou da sociologia reconhecem que a educação tem uma função essencial para a superação das desigualdades sociais (Freire, Macedo, Flecha, entre outros). A partir do trabalho diário de grande parte dos professores e do desejo das famílias, sonha-se com os discursos da qualidade, da igualdade e do êxito para todos.

As correntes estruturalistas consideram que “a escola não conta” enquanto que outras correntes (Giddens, 1998) consideram que as pessoas e os movimentos sociais estão gerando ideias e práticas que transformam as estruturas de forma consciente, valorizando seu impacto nas consequên-

cias que geram. A ideia de que nós não estamos cegos diante das pressões estruturais (“não somos idiotas culturais”) já foi considerada por diferentes autores e perspectivas (Garfinkel, Freire ou Chomsky). Nada está fechado na sociedade; o futuro sempre está aberto à natureza transformadora das pessoas e, este potencial, permitiu mudar situações ou relações sociais que pareciam determinadas.

NOVAS TEORIAS E PRÁTICAS TRANSFORMADORAS

Ao longo da segunda metade do século XX, em um contexto neoliberal, um conjunto de cientistas fizeram importantes contribuições à análise e superação das desigualdades sociais e educativas (Freire, Apple, Bernstein, Giroux, Willis, Flecha, Macedo, etc. citado em Aubert et al., 2006). Uma nova pedagogia crítica emerge com o objetivo de combater as desigualdades através de teorias e práticas educativas transformadoras para que todos os meninos e meninas possam adquirir as competências necessárias para a sociedade da informação e alcançar a inclusão na sociedade em geral e no mundo do trabalho.

Freire desenvolveu uma perspectiva dialógica na educação com um sentido amplo, não limitado ao diálogo entre professor e aluno, mas que incluiu familiares, voluntariado, outros profissionais, em suma, toda a comunidade. Apple foi um dos primeiros autores a criticar o reproduçãoismo e analisar sociologicamente a educação, dando lugar ao conceito de “modelo de resistência”. Bernstein desenvolveu a “teoria do discurso pedagógico” uma valiosa contribuição ao modelo comunicativo que contém um enfoque sociológico da comunicação pedagógica. Giroux analisa cientificamente o processo educativo e impulsiona a necessidade de transformação por parte de todos, elaborando uma “pedagogia radical” que se distancia da crítica pela crítica e a combina com a possibilidade. Flecha desenvolveu a concepção dialógica da educação apresentando alternativas teóricas e práticas para a superação da legitimação das desigualdades.

Esses autores têm em comum a crítica às teses das teorias da reprodução e a ênfase na importância da educação como garantia das oportunidades sociais das pessoas. Estabelecer a confiança na educação

e no papel dos educadores para transformar a sociedade é uma prioridade.

APRENDIZAGEM DIALÓGICA E COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM - A TRANSFORMAÇÃO POSSÍVEL

Comunidades de aprendizagem é a experiência educativa que põe em prática as ideias sobre a aprendizagem dialógica (Elboj et al, 2006). Esta foi revisitada a partir de contribuições como o diálogo de Freire, Bruner ou Scribner. A base da aprendizagem dialógica é a crença de que as pessoas resolvem situações de conflito ou encaram aprendizagens novas dialogando. O diálogo está presente em boa parte das aprendizagens que realizamos ao longo de nossa vida inclusive nas tarefas mais cotidianas. Quando a aprendizagem dialógica é realizada a partir de certas condições (são sete princípios) é possível que se estenda para qualquer situação educativa e, além de melhorar as aprendizagens, contém um potencial importante para promover a transformação social.

Este processo de transformação, de acordo com o giro dialógico da sociedade da informação, somente é possível através de um processo participativo, no qual cada membro da comunidade (professores, familiares, alunos, voluntários, vizinhos, administrações públicas, etc.) tem a possibilidade de participar no desenvolvimento de todo o projeto, gerando expectativas positivas em todos os membros da comunidade.

ESCOLA E ENTORNO, UMA COOPERAÇÃO SINÉRGICA

Hoje em dia sabe-se que o que os meninos e meninas aprendem depende cada vez mais da educação recebida tanto fora quanto dentro da escola, pois o conhecimento da sociedade da informação já não reside exclusivamente nos centros educacionais. Por outro lado, do ponto de vista da pedagogia crítica considera-se que a aprendizagem dialógica (Aubert et al. 2009) é capaz de transformar as relações entre as pessoas e seu entorno. As experiências educativas que conhecemos reúnem profundas transformações: os familiares se envolvem com os projetos educativos dos centros educacionais, colaboram em diferentes espaços com a aprendizagem de seus filhos e filhas, e se envolvem com o funcionamento do centro educacional, organizando atividades

e mobilizando os recursos disponíveis da comunidade.

Mas também vemos uma cooperação inversa, na qual os centros educacionais estão envolvidos nas atividades sociais e culturais do seu entorno, dinamizando a participação dos alunos e dos familiares para promover o desenvolvimento da comunidade. Temas como emprego, saneamento, limpeza urbana, ou qualidade de vida em geral são preocupações que os centros educacionais compartilham com a comunidade. O conhecimento dos educadores e educadoras e os recursos das instituições educacionais são colocados à serviço da formação e do bem estar dos vizinhos (García e Villar, 2011).

Muitos dos problemas (fracasso escolar, convivência...) e desigualdades sociais e culturais que se produzem nos centros educacionais têm origem externa e os projetos educativos fracassam porque não levam em consideração esta realidade. Por isso é necessário transformar, simultaneamente, o centro educacional e o entorno convertendo este último em um aliado e não em uma barreira que dificulta a realização dos objetivos dos centros educacionais. As experiências educativas das comunidades de aprendizagem baseadas na aprendizagem dialógica propiciam uma dinâmica energética que ultrapassa os muros da escola e se instala no entorno, gerando uma cooperação sinérgica na qual é amplificado o potencial transformador das atuações sociais e educativas que são realizadas no centro educacional e na comunidade.

BIBLIOGRAFIA

- Aubert, A.; Duque, E.; Fisas, M.; Valls, R. (2004). Dialogar y transformar. Pedagogía crítica del siglo XXI. Barcelona: Graó.
- Aubert, A.; Flecha, A.; Garcia, C.; Flecha, R.; Racionero, S. (2008). Aprendizaje dialógico en la Sociedad de la Información. Barcelona: Hipatia.
- Elboj, C.; Puigdelvíol; Soler; Valls (2002). Comunidades de aprendizaje. Transformar la educación. Barcelona: Graó.
- García, J. e Villar, C. (2011). La aportación del proyecto de comunidades de aprendizaje a la transformación social y educativa de un barrio. La experiencia de La Estrella y La Milagrosa en Albacete. Tendencias Pedagógicas, 18, 207-232.
- Giddens, A. (1998). La constitución de la sociedad. Bases para la teoría de la estructuración. Buenos Aires: Amorrortu.

MIGUEL FENOLLERA: UM PROJETO SOCIAL CONTRA A POBREZA

JAVIER LÓPEZ-FANDO ARIAS / PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO MIGUEL FENOLLERA E DA COOPERATIVA MIGUEL FENOLLERA.
<http://ajmiguelfenollera.blogspot.com.es/>

Miguel de Fenollera nasce em 2008 para oferecer alternativas aos meninos e meninas dos bairros La Estrella e La Milagrosa de Albacete. Desde o início conhecemos o projeto das comunidades de aprendizagem que estava sendo implantado no colégio La Paz e, posteriormente, nos incorporamos ao PEBEM. Através de uma formação conjunta de entidades, familiares e professores conhecemos o modelo de intervenção comunitário, os princípios da aprendizagem dialógica e as práticas de êxito que incorporamos ao nosso projeto e às nossas práticas.

OBJETIVOS E PRINCÍPIOS DE ATUAÇÃO

A Associação nasce com a ideia de oferecer atividade de lazer e tempo livre que afastem dos riscos da exclusão social a população infantil e juvenil destes bairros, imersos na pobreza, e que, ao mesmo tempo, previnam as dependências de drogas e a delinquência.

Este objetivo inicial nos conduziu para uma evolução, para uma reaprendizagem e para uma reestruturação durante estes quase quatro anos de caminhada, para agora marcarmos como objetivo principal a luta contra a pobreza e a busca da melhoria de condições de vida das famílias dos bairros com os quais trabalhamos.

Em segundo lugar, ajudamos e apoiamos os pais e mães na solução de problemas relacionados com a formação, o emprego, a moradia ou diversas situações de emergência como problemas com a justiça, embargos ou despejo. Também oferecemos apoio na recuperação das pessoas com problemas de dependência ou que saem da prisão para que, em coordenação com as entidades públicas e privadas especializadas nessas problemáticas, conseguir através de formação, emprego e voluntariado

contribuir com a sua reabilitação. Como princípio de trabalho tomamos como base o diálogo e a participação, para que as pessoas dos bairros se tornem as protagonistas da transformação de suas vidas.

Para que ocorra esta transformação e eles possam sair da pobreza deve-se realizar uma intervenção social “humana” e multilateral. Para isso, mantemos um acompanhamento dos meninos e meninas e das famílias com os centros educacionais dos bairros, que são autênticos aliados essenciais de nosso projeto.

Entendemos como crucial no processo de saída da pobreza a recuperação da dignidade e da confiança, trabalhando o autoconceito e a autoestima. Neste sentido são essenciais:

- A participação no voluntariado, como uma experiência que ajuda ao bairro e a cada um deles.
- O diálogo igualitário e a participação ativa na vida da comunidade dentro da Associação e da Cooperativa Miguel Fenollera.
- A formação e reaprendizagem de novas formas de “ser” e “estar” baseadas no diálogo e no respeito, mediante novas experiências.
- A motivação para poder trabalhar e que se possa contar com eles. Os modelos positivos das pessoas que progrediram e são agora protagonistas na Associação são fundamentais já que dão esperanças às pessoas e mostram que também podem conseguir.

COMO ESTAMOS ORGANIZADOS?

Temos uma organização que devido às mudanças vertiginosas, ocorridas em muito pouco tempo, sofre com os problemas do crescimento veloz que tivemos nesses quase quatro anos em que começamos a treinar com apenas 15 meninos e meninas. Hoje em dia trabalhamos com cerca de 250 meninos e meninas de 5 a 18 anos. Além disso, dispomos de uma equipe de voluntários de 25 pessoas das quais 17 são pais e mães dos meninos e jovens com os quais trabalhamos.

A Associação Miguel Fenollera está organizada em quatro programas principais: Programa de famílias, Clube de Basquete, Clube de futebol e Grupo de Escoteiros. Além do Programa de famílias, estivemos trabalhando durante dois anos para a constituição, em novembro de 2011, de uma Cooperativa de colocação no mercado de trabalho, denominada Cooperativa Miguel Fenollera, que tem 10 sócios e 30 filiados.

Cada um dos programas dispõe de sua própria equipe profissional e de voluntários, oferecendo trabalho, atualmente, para 5 pessoas dos bairros como treinadores de futebol e basquete. As escolas-clubes desportivos são tuteladas por um coordenador que se encarrega de cumprir os objetivos educativos, assim como do funcionamento orgânico das mesmas. Atualmente temos em competição oficial 5 equipes de basquete (com 150 meninos e meninas treinando) e 6 equipes de futebol de salão (com uns 100 meninos e meninas treinando).

Nosso grupo de Escoteiros está formado por 110 pessoas entre voluntários e educandos, tendo abertas atualmente 4 turmas educacionais: Castores (de 6 a 8 anos), Lobinhos (de 8 a 11 anos), Escoteiros (de 11 a 14 anos) e Pioneiros (de 14 a 17 anos). Realizamos uma saída por mês, para manter a motivação e entusiasmo dos meninos e meninas e trabalhar a melhoria de suas atitudes e comportamentos.

Neste momento estamos projetando a criação de um Clube de Bolão, pois o bairro tem bastante tradição neste jogo e, além disso, estamos começando novas atividades como:

- Teatro: Começamos um grupo de teatro com meninos e meninas da ESO, com o objetivo sonhado de que dentro de uns anos poderemos formar uma companhia de Teatro.
- Tertúlias literárias dialógicas e alfabetização para adultos.
- Xadrez: Estamos ensinando crianças, jovens e adultos a jogar xadrez.

O programa de famílias se encarrega de “ajudar as famílias” e dispõe de uma as-

sistente social que, em coordenação com outros programas, desenvolve os planos de intervenção com as famílias. Um dos objetivos a médio prazo, com que nossos técnicos se identificaram plenamente, é a formação de pessoas dos bairros que possam substituir-nos a médio prazo em nossas funções. Atualmente começarão a trabalhar três pessoas, que foram formadas previamente, dos bairros nos escritórios da Cooperativa para realizar funções de auxiliar administrativo e contábil, de auxiliar de marketing e de auxiliar comercial, também com o objetivo de que essas pessoas possam em alguns anos assumir maiores responsabilidades na organização.

A estrutura organizacional se completa com um técnico de projetos e subvenções para a Associação e a Cooperativa, responsável pela captação e manutenção de recursos, um diretor de produção na Cooperativa, responsável pela qualidade, organização e planejamento do trabalho, e um diretor de ambas entidades que tem a máxima responsabilidade diretiva e organizacional de nossa entidade.

A entidade atualmente emprega 16 pessoas, 12 delas dos bairros de La Estrella e La Milagrosa e, além disso, desenvolvemos nos últimos 18 meses um total de 14 atuações formativas, a maioria delas finan-

ciadas e coordenadas em parceria com os serviços sociais e com os serviços de emprego da Prefeitura de Albacete.

NOVOS SONHOS E ESPERANÇAS

Acreditamos que sonhar nos aproxima da transformação e temos em nossa caixa de sonhos muitos desejos que esperamos que transmitam esperança, mas que, acima de tudo, ajudem muito mais famílias dos bairros e entre eles estão:

- O clube de Bolão que organizaremos nos próximos meses.
- A criação, a médio prazo, de uma companhia de teatro.
- A realização de um projeto que tenha a música, o baile e a dança como veículos de expressão e convivência.
- O começo da organização do trabalho agrário (que envolva mais 55 famílias, as que cabem em um ônibus) por meio de um convênio com organizações agrárias e a prefeitura de Albacete.
- A criação de um economato para os sócios e filiados, e também para as famílias em situações precárias.
- A criação de um Viveiro de Microempresas, para ajudar as famílias a melhorar de vida através do trabalho autônomo, buscando o desenvolvimento de políticas de microcréditos que de-

ram bons resultados, nos países de Terceiro Mundo, para ajudar as pessoas a sair da pobreza.

UMA IDEIA PARA RESUMIR: ALTAS EXPECTATIVAS

O entusiasmo e a motivação dos meninos, meninas, jovens e familiares, têm sido o autêntico motor de nossa ação. O entusiasmo por jogar as partidas, por competir e por sair para acampar, permite conseguir que nossa colaboração com os colégios e as famílias seja efetiva para que crianças e jovens vão à aula, melhorem seus comportamentos no colégio e em casa, estudem, melhorem suas expectativas...

Para os adultos, pais, mães e familiares, a esperança criada pela ajuda que recebem, a possibilidade de formação, de um emprego que a Associação e a Cooperativa lhes oferece, também eleva suas expectativas para que cada vez mais pessoas se aproximem do nosso projeto e recebam o mesmo convite: “Ajudem as crianças do bairro e nós te ajudaremos quando for possível”. Para finalizar, a estrofe de uma música muito conhecida de “Los Secretos”, bem adequada para o assunto e que diz: “Me ajude e terei te ajudado, pois hoje sonhei com outra vida, com outro mundo, mas ao seu lado”.

UMA NOVA RELAÇÃO ENTRE ENTORNO E ESCOLA

JOSÉ PÉREZ E QUINTI MÉNDEZ/
PROFESSORES DO CEIP NTRA. SRA. DE
FÁTIMA. BADAJOZ

No CEIP Ntra. Sra. De Fátima de Badajoz estamos na categoria de “iniciantes” já que nos transformamos em comunidade de aprendizagem há, aproximadamente, três anos. No nosso centro educacional, acreditamos que, para alcançar o êxito, temos que buscar a “transformação”; o que não se pode reduzir, como até agora, a mudanças em algumas atuações, mas sim que devemos colocar o horizonte mais longe: buscar a transformação da escola e, com isso, a do entorno. Quer dizer, acreditamos que somente com

uma escola aberta à comunidade conseguiremos a transformação.

OS DESAFIOS E OS SONHOS

Ainda que, em nosso centro educacional, tenhamos dado os primeiros passos, nos resta muito por fazer. Os desafios são grandes e os contemplamos não a curto, mas a médio e longo prazo. Nosso principal objetivo trata-se, nada menos, de conseguir que toda a comunidade “se entusiasme em aprender” e que esse entusiasmo flua como um rio por toda a comunidade: que envolva, contagie os vizinhos, associações, mulheres e homens, crianças e avós, cidadãos e técnicos (de educação, sanitaristas, culturais, esportivos...). Isto explica por que nosso centro educacional

está há anos envolvido no Processo Comunitário de La Margen Derecha (PMDG), e que nos tenhamos constituído como comunidade de aprendizagem para alcançar esse sonho.

Através desse enfoque, uma mostra da conexão que o centro educacional estabeleceu com o seu entorno foi a incorporação do programa Vivo em meu bairro do Projeto Vida sobre prevenção de dependência química. A presença da equipe técnica no bairro há quatro anos não foi meramente assistencial diante dos problemas de dependência química, mas também de integração no bairro, participando das atividades e recursos existentes, contribuindo com conhecimentos técnicos com as famílias, professores e agentes sociais com a finalidade de que esses sejam os pró-



prios agentes preventivos.

Dentro desta dinâmica, os técnicos e técnicas do projeto acompanharam o colégio em todo o processo de sua transformação em comunidade de aprendizagem, desde o primeiro momento, fazendo a formação e entendendo a importância de sua participação em todas as atividades iniciadas. Desde o começo, esta equipe decidiu fazer parte da sensibilização do bairro, nas assembleias, nos sonhos, nas comissões e grupos interativos, onde sua opinião é importante da mesma forma que a do pai, mãe, professor, avô ou avó do bairro, e onde se criam os vínculos que facilitam a aproximação e a aceitação. Desta forma, é criado um sistema no qual influenciam-se uns aos outros, e qualquer sonho ou objetivo conquistado é resultado do esforço e da colaboração de todos e todas, não só do especialista, mas também das famílias e vizinhos que se sentem parte do projeto e, ao mesmo tempo, têm suas capacidades reforçadas.

IMPLANTAÇÃO DE ATUAÇÕES DE ÊXITO

As atuações de êxito realizadas até este momento têm diferentes níveis de concretização. Como quadro geral do bairro e do entorno, contamos com o PMDG em que há anos começamos a formação e a nos conectar com os “três pilares da sociedade”: “cidadania”, “técnicos” que operam na região e “administração”. Entre os três, foi realizado

um diagnóstico e, depois, um plano de atuação nesta região.

Neste contexto, nosso colégio descobre, depois de uma progressiva formação, a importância das comunidades de aprendizagem e optamos por dar passos encaminhados na direção de abrir a escola para a comunidade. A comunidade de aprendizagem sai às ruas, conecta e convida os cidadãos e cidadãs, pais e mães e familiares. Nossas salas de aula não estão ainda “inundadas”, mas sim frequentadas por diferentes pessoas adultas do bairro e da universidade que participam nos grupos interativos, nas atividades de extensão da aprendizagem à tarde, no atendimento e desenvolvimento da biblioteca, etc.

Mas também avançamos um passo a mais. Os pais e mães passam de ser “apenas informados” a “tomar decisões” mediante a participação nas comissões mistas. Atualmente temos cinco: Aprendizagem, Convivência, Material, Formação de Familiares, Voluntariado e Gestora.

A comissão de Formação de Familiares é composta de três professores, quatro mães e duas voluntárias técnicas da Cáritas. Depois das primeiras assembleias de familiares e algumas pesquisas junto à população, foram colhidos os desejos e interesses das pessoas adultas que participam e organizam. Como resultado, iniciaram-se diferentes atividades formativas que incluem:

» Um grupo de Alfabetização vespertino

para quatro adultos que querem aprender; coordenado por um voluntário aposentado.

» Um grupo de ex-alunos maiores de 18 anos que abandonaram o Ensino Fundamental II ou Médio; um pai e uma mãe que, contagiados pelo desejo de aprender e conscientizados pela crise econômica e as poucas possibilidades de emprego, solicitam ajuda para conseguir o Diploma na ESO. Para tanto, eles são ajudados por uma professora aposentada, outra desempregada, pela manhã, um professor aposentado e um engenheiro à tarde.

» Muito solicitada foi a formação em Introdução à Informática. Foram criados dois grupos, de 12 adultos cada um, incluída alguma avó, dois adultos que queriam incorporar o computador a seus negócios, outros que queriam entrar na busca de emprego ou escrever para algum filho distante. Foi um grande êxito porque, somado ao interesse dos alunos e alunas, contou-se com a extraordinária aptidão dos formadores da Associação Taringa.

» Por último, a biblioteca do centro educacional se abre a um grupo de mulheres do bairro que pertencem ao Centro de Promoção da Mulher para a realização de tertúlias literárias dialógicas nas quais participa também uma professora do colégio.

Além destas iniciativas, os sonhos não param. Durante estes dias, membros da comissão de Formação de Familiares dialogam

e combinam as condições com duas autoescolas do bairro para oferecer a formação para obter a carteira de motorista, formação que se realizará no colégio e com meios informáticos. Outro curso muito solicitado que ainda não pudemos oferecer é de capacitação para a assistência a dependentes em domicílios. Os requisitos são altos e, no momento, fora do nosso alcance, mas, apesar de tudo, a comissão não perde a esperança.

PARTICIPAÇÃO, A BASE PARA A TRANSFORMAÇÃO

Através deste curto, porém, intenso período de aprendizagem, participação e

transformação pudemos observar como as famílias agora valorizam mais a própria aprendizagem e a de seus filhos e filhas e aumentam e melhoram as expectativas sobre seus estudos futuros. Isto tem especial relevância num contexto social em que, do nosso bairro, parte a contribuição para o resto da cidade de mão de obra de “empregadas domésticas” e outros empregos de baixa qualificação profissional.

Neste processo “todos e todas” (professores, familiares, vizinhas...) aprendem e se transformam. Descobrimos o valor do diálogo igualitário ao colocá-lo em prática. Deste modo, nós, os professores e professo-

ras, deixamos de “impor” de modo paternalista nossa oferta formativa e aprendemos a escutar seus interesses e a valorizar suas propostas de formação. Por outro lado, as famílias e outras pessoas da comunidade valorizam mais o trabalho dos professores e começam a interessar-se mais pela aprendizagem de seus filhos e filhas. Por exemplo, uma jovem professora do bairro recém-chegada ao centro educacional se emociona ao ver tanta presença de mães, familiares, voluntários e voluntárias, avós, avós e aposentados no colégio de seu bairro. Ela comentava que via nisto a melhor base para a transformação do entorno.

O COMPROMISSO E A PARTICIPAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES MUNICIPAIS

ÁREA DE AÇÃO SOCIAL, IGUALDADE E PARTICIPAÇÃO DA PREFEITURA DE RIVAS VACIAMADRID

“Em Rivas, neste último ano letivo acendeu-se uma faísca. O entusiasmo das famílias e dos alunos é evidente. Não é preciso convencer, eles entram... e o veem claramente. Acho que transformar o entorno é o sonho daquele que educa, mas talvez entre os professores existam aqueles que deixaram de sonhar. Depois de conhecer, não se pode duvidar que outra escola, outro bairro, outra cidade é possível... este é o desafio.” São palavras de Paqui, professora do Ensino Fundamental I.

O INÍCIO DA TRANSFORMAÇÃO

No final de 2010, a Prefeitura de Rivas Vaciamadrid, uma localidade do sudeste de Madrid de 75.000 habitantes, e o CREA (Universidade de Barcelona), iniciaram um convênio de colaboração com o objetivo de impulsionar, nos centros educacionais do município, o conhecimento e o desenvolvimento das atuações de êxito do projeto INCLUD-ED, estratégias para a inclusão e a coesão social na Europa a partir da educação do “VI Programa Marco de la Comisión Europea”.

Como propõem as contribuições da comunidade científica internacional, e as

teorias e práticas que estão contribuindo ao êxito escolar, a participação da comunidade e do entorno é essencial para garantir a qualidade educativa exigida na Sociedade da Informação. Além disso, em Rivas a participação da comunidade já era um elemento fundamental garantido pela presença das famílias e da própria Prefeitura em todos os conselhos escolares e gerado por espaços de participação como o Conselho municipal de educação e as suas comissões.

Neste ano escolar, duas escolas de Educação Infantil, oito centros educacionais de Educação Infantil e de Fundamental I, dois institutos de Ensino Fundamental II e Médio, e um centro de Educação Especial, estão aplicando as atuações de êxito. A cada duas semanas, mais de 450 pessoas voluntárias participam nestes centros educacionais. Familiares do centro educacional, de outros centros educacionais de Rivas, alunos voluntários do Ensino Fundamental II, Médio e universitários, vizinhos do município têm um objetivo comum: conseguir o êxito escolar e a melhor educação possível para os meninos e meninas do município.

PARTICIPAÇÃO E FORMAÇÃO DE FAMILIARES

“Como voluntária pude comprovar como avançaram notavelmente os meninos, tanto em leitura, como escrita, cálculo, matemática..., dando a possibilidade de que os meninos aprendam de forma mais

rápida; haja mais companheirismo, onde todos são iguais e cada um se sobressai em um aspecto diferente; que todos aprendam ao mesmo tempo: professores-voluntários-meninos, todos aprendemos com todos.” (Pili, mãe voluntária).

Em alguns centros educacionais, o AMPA é essencial para dinamizar a participação, “neste ano as mães também estão como alunas (oficina de Inglês), fazemos deveres de casa, vamos ao colégio com eles... minha filha me disse outro dia “o colégio é como estar em família, em casa”. Os meninos encontram você em qualquer lugar, e te abraçam, cumprimentam. Também muda a nossa maneira de ver os meninos; têm uma relação especial com você, você não é a professora, é “a mãe de”. (AMPA do CEIP Los Almendros).

Natacha é voluntária no colégio de seu filho: “É entusiasmante ser parte desta ruptura da rigidez do sistema educativo e poder apalpar, em tão pouco espaço de tempo, uma proximidade que antes era inexistente com as pessoas que são parte da aprendizagem do meu filho como são os professores, colegas de escola, familiares, vizinhos do município, o porteiro...”

Porque, como aponta Ángela, outra mãe voluntária, “o compromisso de todos em conjunto (diretores, professores, famílias, vizinhos, universidades, etc.) é o que fará com que realmente consigamos uma

sociedade, não só cheia de meninos com conhecimentos e multiculturalidade, mas também com tolerância e respeito.”

No colégio dos filhos de Marta ainda não se realizam grupos interativos, mas ela é voluntária em outros três centros educacionais do município, e propõe: “Só entrando no desconhecido podemos ser capazes de entendê-lo e perder o medo; isso é precisamente no que este projeto está mais ajudando a mudar nossa cidade: a aproximação entre vizinhos de procedência muito diferente que estão, no entanto, começando a aceitar-se uns aos outros na riqueza da sua diversidade.”

COMPROMISSO E PARTICIPAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

Para Pedro, conselheiro de Educação de Rivas, “a principal contribuição do projeto foi o entusiasmo gerado em boa parte dos professores e das famílias na melho-

ria da educação de seus alunos e filhos e filhas respectivamente. Também é clara a influência do projeto nos órgãos de participação municipal. A alta participação na Comissão de Atuações de Êxito Escolar do Conselho Municipal de Educação, um grupo de 40 pessoas do mundo educativo que se reúne mensalmente para debater sobre educação, é uma prova do entusiasmo gerado por este projeto na comunidade educativa.” Trata-se de uma tertúlia dialógica na qual estão lendo as contribuições da comunidade científica internacional sobre aprendizagem e êxito escolar.

OS ALUNOS COMO VOLUNTÁRIOS

Javier, um aluno do Ensino Fundamental II que participa desta tertúlia acredita que “este programa oferece uma oportunidade única para alunos que têm mais dificuldades para compreender o

que é dado na sala de aula, e que, de outra forma, iriam ficando para trás e, finalmente, teríamos um aluno que perdeu todo o interesse pelos estudos”. Como Javier, outros estudantes do Ensino Fundamental II e Médio de Rivas são voluntários e voluntárias nos colégios no horário da tarde, quando saem do instituto educacional. Lorena, uma das educadoras da Área de Juventude, comenta que “tem uma dimensão intergeracional; interações e relações que anteriormente não aconteciam, em espaços públicos como a rua, os parques, os centros esportivos, os mercados. Depois de ter participado dos grupos interativos, eles se conhecem e reconhecem fora do centro educacional.”

Como James P. Comer, o município de Rivas faz eco do provérbio africano: “It takes a village to raise a child” (É necessário todo um povo para criar uma criança).

O PAPEL DAS FAMÍLIAS E DAS AMPA NA TRANSFORMAÇÃO

JUNTA DIRETORA DA FAPA-RIOJA (FEDERAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES DE MÃES E PAIS DE CENTROS PÚBLICOS DE LA RIOJA)

Ao longo de seus 30 anos, a Federação da AMPA de centros públicos de La Rioja (FAPA-Rioja) tem insistido na importância da atividade de formação e informação das famílias. Temos trabalhado para favorecer a escolarização de todos, mas nos damos conta da necessidade de conseguir não só a escolarização em condições de liberdade e igualdade mas também de que deveríamos superar os índices de abandono e fracasso escolar. Tendo em conta que a escola pública é a única que garante a educação para “todos em todos os lugares”, entendemos que devemos apoiar atuações de êxito, como as que impulsionam comunidades de aprendizagem, para garantir uma educação de excelência para todos os alunos.

A BUSCA DE UM NOVO MODELO EDUCATIVO TRANSFORMADOR

A busca de um novo paradigma educativo compatível com a sociedade da informação nos levou a refletir sobre o modelo educacional que queremos em nossas salas de

aula, independentemente do atual momento de recessão da economia. Nossas dúvidas sobre como consegui-lo terminaram com a realização, em 2011, da nossa XXVII Jornada de Trabalho, evento em que contamos com a presença de Miguel Loza e Ramón Flecha. Neste evento descobrimos que a educação formal não é responsabilidade exclusiva das escolas, mas que deve dividir-se com todos os membros e agentes que intervêm em uma comunidade educacional. Esta é a principal premissa na qual se apoia o conceito de comunidades de aprendizagem, uma proposta de organização alternativa dos centros educacionais, que amplia o contexto em que os alunos aprendem com a participação, colaboração e interação de todo o entorno social que contorna o centro educacional. Assim como afirmou Ramón Flecha: “Para conseguir esta transformação é necessário mobilizar todos os recursos existentes”.

AS AMPA IMPULSIONAM COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

A esta descoberta se seguiu uma etapa de reflexão sobre como instaurar um modelo educacional baseado na confiança e na participação de todos: sabíamos qual era a meta, mas como atingi-la?

Para conseguir alcançar esta meta em nossa comunidade, FAPA-Rioja apoiou seu plano de ação naquilo que melhor sabe fazer: formar e informar. Portanto, decidimos criar um grupo de trabalho para impulsionar as comunidades de aprendizagem que aglutinasse a todos os setores da categoria educativa: docentes (Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e da Universidade de La Rioja), alunos do Magistério, outras organizações (sindicatos, fundações, projetos integradores, empresas...) e, obviamente, famílias.

Através de reuniões mensais, nas quais o número de participantes foi aumentando sem parar, abordou-se o estudo do Projeto INCLUD-ED do “Programa Marco de Investigación Europea” e de documentação diversificada (PISA, OCDE, CREA, análise de outros centros educacionais com comunidades de aprendizagem), ao mesmo tempo em que visitaram-se centros educacionais que tivessem como objetivo construir uma sociedade que soubesse aprender e cujos modelos se baseassem na confiança e em ensinar os alunos a aprenderem por si mesmos.

FORMAÇÃO DE FAMILIARES

Ao mesmo tempo, dentro das conversas que ministramos às AMPA ao longo do ano

escolar, incluímos dois títulos, 'Comunidades de Aprendizagem' e 'Tertúlias dialógicas', que permitiam aproximar as famílias de La Rioja de um ensino mais participativo do aluno com seu entorno, mais adequado se queremos alcançar o êxito para todos os participantes.

Lembramos às famílias que as pesquisas no campo educacional demonstram que a participação dos adultos no dia a dia do centro educacional influi de forma significativa na aprendizagem dos alunos. Por isso, as comunidades de aprendizagem propõem abrir os centros educacionais às famílias e oferecer-lhes oportunidades para participarem. Além disso, apostam na participação das famílias na tomada de decisões do âmbito escolar e seu envolvimento direto nas atividades e projetos didáticos.

O DIÁLOGO COM A ADMINISTRAÇÃO

Outra linha de ação foi a de instaurar um diálogo formativo com a autoridade regional de educação para fazer chegar a eles as conclusões do Projeto Europeu INCLUD-ED, entre as quais se destaca que "quando as famílias recebem formação e participam da vida escolar de seus filhos, o rendimento dos alunos aumenta". Os integrantes da atual Prefeitura são muito conscientes de que o problema educacional se situa especialmente no Ensino Fundamental II e Médio. Isto nos ajuda a descartar a hipótese de que exista um problema intrínseco com os imigrantes, ou com seus pais, ou com os professores, e aponta o principal culpado no sistema. Este ponto de partida facilitou uma recepção positiva em direção à instauração gradual das comunidades de aprendizagem em La Rio-

ja. Deste diálogo contínuo surgiu a jornada 'Comunidades de aprendizagem no Ensino Fundamental II e Médio', celebrada em 24 de março de 2012, com Miguel Loza e Luís María Landaluze, na qual, tomando como base uma reflexão de Álvaro Marchesi ("Continuamos ensinando da mesma maneira que nas últimas décadas. Mudar isso é a chave da modernização da escola"), difundiu-se aos mais de 200 participantes de todos os âmbitos educativos a necessidade de que condições como a motivação do aluno, a vontade de aprender ou o envolvimento das famílias, são indispensáveis para alcançar o êxito escolar para todos.

O persistente diálogo com as instituições educativas significou uma ação de apoio administrativo aos centros educacionais que estão interessados em caminhar rumo às comunidades de aprendizagem. Assim, o CEIP Caballero de la Rosa de Logroño deu o passo definitivo rumo a um sistema onde a aprendizagem vertical desaparece, e existem outros centros em La Rioja muito interessados em introduzir uma educação mais inclusiva. Além disso, existem outros centros educacionais que, graças ao interesse de suas AMPA, desejam que a aprendizagem dialógica aplicada à leitura faça parte de seu projeto de centro através das tertúlias dialógicas (grupos de pessoas com pouca experiência leitora e, normalmente, sem titulação acadêmica que se reúne para ler e comentar textos da literatura clássica), as bibliotecas tutoradas (espaços onde os meninos podem encontrar pessoas adultas – professores, familiares, voluntários e voluntárias – com os quais fazer seus deveres de casa, escutar ou ler histórias) ou a leitura

em grupos interativos: divide-se a sala em grupos heterogêneos (por nível acadêmico, cultura, língua) que são dinamizados por uma pessoa adulta, que pode ser o professor ou um voluntário ou voluntária.

FAMÍLIAS E ÊXITO ESCOLAR

Não estamos descobrindo nada novo quando afirmamos que o envolvimento das famílias na educação e no contexto escolar dos alunos é fundamental para sua formação e desenvolvimento. Há anos, as AMPA trabalham para melhorar a participação das famílias na escola, através da presença nos conselhos escolares e outros órgãos de representatividade, oferecendo formação e informação. Mas isto já não é suficiente na sociedade atual. A ampla correlação entre êxito escolar e interesse familiar pelos estudos dos filhos foi evidenciada em inúmeras pesquisas. Vincular a família à escola, corresponsabilizá-la, incentivar sua atualização e acompanhamento dos estudos dos filhos e filhas, é a melhor forma de evitar um fracasso escolar que ronda os 35%.

Por último, lembramos que as famílias devem começar por reconhecer e assumir o grau de responsabilidade que têm na educação de seus filhos e filhas. Os centros educacionais não devem limitar-se a proporcionar informação às famílias, devem oferecer novas e variadas oportunidades de comunicação, ampliar as estruturas de participação adaptando-as às necessidades e problemáticas concretas, promover a formação de famílias e professores para favorecer o trabalho colaborativo, etc. o êxito escolar é de todos, e a responsabilidade de consegui-lo também é de todos.



ESCOLA. Diretor: Pedro Badía. Redatora Chefe: Loca García-Ajofrín. Redação: Pablo Gutiérrez del Álamo e María Piedrabuena.

Assinaturas e Atenção ao Cliente: C/Collado Mediano, 9 - 28230 Las Rozas (Madrid) - Telefone: 902 250 510 - Fax: 902 250 515

Edição: WOLTERS KLUWER ESPAÑA, S.A. www.wke.es Conselheiro Delegado: Salvador Fernández. Diretor Geral: Eduardo Garcia. Diretora de Publicações: Carmen Navarro. Depósito Legal: M-50-929-2007. ISSN: 1888-2781.

Paginação: María Piedrabuena

Coordenação: CREA-UB

Elaboração:

ESCUELA



Tradução: Gabriela Doll Ghelere

